

A FACULDADE DE HISTÓRIA/UFG, realizou em 08 de dezembro de 2009, ato de homenagem aos professores, historiadores, aposentados.¹

Lena Castello Branco F. de Freitas*

Emocionada e honrada, compareço a este recinto, juntamente com os caros amigos aqui presentes.

Emocionada porque aos velhos sensibiliza a generosidade dos moços. Falo por mim: usando uma expressão de Cora Coralina, lembro que sou de uma geração-ponte. Do ponto de vista de educação formal e rigor acadêmico, vocês estão anos-luz à minha frente – mas é bom poder constatar que os alunos superam a velha mestra e, mesmo assim, reconhecem-na como tal.

Confesso-me honrada, por ser lembrada e aqui comparecer, já agora como parte da história desta Casa, que tantos e tão bons serviços prestou e continua prestando à história, à educação, à ciência e à cultura.

Voltemos por um momento às origens: O Departamento de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás. Funcionávamos no prédio do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, na rua 82, esquina com rua 85, no mesmo local que abrigou o Centro de Estudos Brasileiros.

Éramos poucos professores, lecionando para turmas pequenas. Não dispúnhamos de livros, nem de mapas atualizados; não havia gabinetes, nem sequer uma sala para os docentes. Inexistiam editoras em Goiânia; material áudio-visual era algo de que não se ouvia falar; computadores não existiam. Para adquirirmos livros, com nossos próprios recursos, contávamos com o serviço de reembolso postal dos Correios e os vendedores de coleções, que

¹ Publicamos na íntegra o texto, da fala, da professora Lena Castello Branco Freitas, proferida no ato de recebimento de homenagem.

* Doutora em História. Professora aposentada do antigo Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.

iam de porta em porta, oferecendo os lançamentos das editoras do Rio de Janeiro e em São Paulo.

O clima dominante na Faculdade de Filosofia era, entretanto, de intensa motivação intelectual. Não guardávamos o formalismo das tradições coimbrãs, tão caras á área jurídica; buscávamos os desafios da inovação e da contemporaneidade. Na Chefia do Departamento, começamos a promover “Semanas de História”, com o objetivo de atualização dos conhecimentos e troca de experiências, realizavam-se anualmente, contando com a presença de docentes e alunos do curso, além de convidados.

Permitam-me lembrar um fato – somente um, dentre tantos que seria possível evocar. Quando houve a I Semana de Estudos Históricos, com vistas a despertar o interesse pela história regional e local, providenciamos a gravação de depoimentos de alguns pioneiros de Goiânia; o primeiro a fazê-lo foi o fundador da cidade, Dr. Pedro Ludovico Teixeira.

Muitos políticos tinham passado a evitá-lo, desde a deposição do governador Mauro Borges (seu filho); receosos de serem perseguidos, “velhos companheiros” não se arriscavam sequer a passar na calçada de Pedro Ludovico, na Rua 26...

Quando o convidamos para gravar seu depoimento sobre a fundação de Goiânia, o combativo político aceitou de bom grado. O diretor da Faculdade, Professor Egídio Turchi, endossou a iniciativa. Para receber o ilustre convidado, em 10.06.1966, foi realizada uma sessão aberta, no Ginásio de Esportes da Católica – ao lado do prédio onde funcionava a FaFi – quando compareceram alunos, professores, autoridades universitárias e pessoas interessadas. Dr. Pedro Ludovico estava acompanhado da nora, D. Maria de Lourdes Estivalet Teixeira, e do primeiro prefeito de Goiânia, Professor Venerando de Freitas Borges. Lembro-me da figura desempenada do velho senador, em elegante terno claro; tinha o olhar alerta, sorriso cativante e inegável carisma pessoal. Foi saudado com breves palavras pelo Professor Egídio; em seguida, gravou pausadamente seu depoimento, em fita cassete. Ao final, respondeu a perguntas e foi muito cumprimentado, inclusive com pedidos de autógrafo.

A fita cassete foi lacrada, rotulada e guardada no cofre da Faculdade de Filosofia; a ela, juntaram-se outras, contendo depoimentos gravados

posteriormente pelos Professores Venerando de Freitas Borges e Zoroastro Artiaga. Depois de tantas mudanças de sede, do desmembramento da Faculdade Filosofia, do fim do ICHL – não tenho a menor idéia de onde possa estar essa valiosa documentação. Perdeu-se? Ou estará guardada em algum local insuspeito? Felizmente, o Dr. Pedro, por iniciativa própria, fez publicar seu depoimento em opúsculo com o título “como e por que construí Goiânia”.

Em 1968, teve início a implantação da Reforma Universitária na UFG. Entre outras mudanças, foi desmembrada a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, que deu origem ao Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) e à Faculdade de Educação (FE). Os cursos dessas unidades funcionavam no recém-inaugurado prédio da Praça Universitária.

O primeiro diretor do ICHL foi o Professor Olavo de Castro, da área de Ciência Política. Exerceu o cargo por pouco tempo: aprovado em concurso em Brasília, mudou-se para a nova capital. Os dirigentes da UFG vieram com apreensão ao ICHL, onde estavam concentrados os cursos de Letras, Ciências Sociais, Geografia e História e Jornalismo. Era a maior das unidades da UFG, em número de matrículas e de docentes. O curso de Jornalismo era uma espécie de caixa de ressonância de tudo o que acontecia na Universidade, uma vez que seus professores e alunos atuavam nos principais veículos de comunicação de Goiânia. O curso ainda não fora reconhecido e ressentia-se da falta de docentes para as disciplinas profissionais; precisava de um jornal-laboratório, além de máquinas e de equipamentos.

Em abril de 1969, fui convidada a assumir temporariamente a direção do ICHL, até que se completasse a implantação da Reforma Universitária e fosse possível proceder à eleição para o cargo em questão. Pedi um tempo para refletir. Estava inscrita no doutorado em História da USP, tendo como orientador o Dr. Eurípedes Simões de Paula, catedrático de História Antiga. Dificilmente poderia conciliar a direção do ICHL com o programa de estudos do doutorado.

Indecisa, conversei com algumas pessoas, inclusive com antigos mestres. Um deles me alertou para o fato de que, na direção do ICHL, além de adquirir experiência, eu poderia contribuir para a consolidação da UFG, que vivia dias de incerteza. Ele ponderou que tinha sido difícil criar “nossa Universidade”, que agora pareci “meio perdida, no meio de tantas ambições

peçoais e paixão política.” E acrescentou: “Ela [a UFG] precisa manter-se fiel aos objetivos de educar e de formar cidadãos, que também sejam bons profissionais”.

Aceitei o desafio e assumir a direção do ICHL, em 02.04.1969. Há 40 anos, portanto. Uma vez arrumada a casa, fui eleita para Diretora, em lista triplíce; nomeada, exerci o cargo, até novembro de 1973. Meu doutorado, eu só o obteria treze anos depois...

Muito haveria a contar sobre o ICHL, naqueles anos iniciais, quando tudo estava por fazer – e havia tanta disposição de acertar. Foi um período de dificuldades, mas também de iniciativas e realizações que se consolidaram no tempo: a estruturação departamental, as decisões colegiadas, a abertura para o exterior, a criação da pós-graduação em História e em Letras, a fundação do Museu Antropológico. Outras iniciativas não vingaram, como a revista “Reflexão”, da qual saiu apenas um número. Mas outras revistas vieram – e sem dúvida, melhores...

Desmembradas do ICHL, outras unidades surgiram e prosperaram: o Instituto de Química e Geociências, a Faculdade de Letras, a Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia – e tantos núcleos de estudo, programas e projetos de pesquisa, monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado... Em 40 anos, muitos diretores e professores fizeram desta Casa sua morada, e aqui deram o melhor de si à ciência e à história. A todos eles, o reconhecimento que merecem.

Paralelamente, faça-se a pergunta que não deve calar: onde estará a documentação relativa a esses anos de trabalho e esforço individual e/ou coletivo? Onde guarda a memória do ICHL? A história de uma acidentada trajetória, sob muitos nomes e segundo orientações às vezes conflitantes. É preciso ir-se além do episódio, do relato às vezes parcial, às vezes deturpado – consciente ou inconscientemente.

Recorramos aos documentos, à velha (mas sábia) pesquisa documental. Obrigatoriamente, Relatórios foram elaborados a cada ano; onde estarão? Guardo cópias dos que apresentei – de 1969 a 1973. E depois? Correspondências, prestações de contas, programas de estudo, atas de reuniões... um mar de papéis – aonde se encontram? E mais: fotografias, folders, cartazes, panfletos, fitas cassete, vídeos, filmes, discos...

É preciso resgatá-los do esquecimento, classificá-los, conhecê-los, analisá-los e contextualizá-los, inclusive do ponto de vista do conhecimento que se vem construindo nesta Casa.

Fica a sugestão.

E a vocês, caros amigos e colegas, o meu singelo e sincero

- Muito obrigada!

Profa. Lena Castello Branco F. de Freitas